

J. A. PIRES DE LIMA

Prof. da Faculdade de Medicina do Pôrto
Director do Instituto de Anatomia
(Subsidiado pela Junta de Educação Nacional)

39

Estudos de Antropologia Colonial

O que temos feito
e o que precisamos de fazer

Conferência inaugural
da 1.^a Secção do

I CONGRESSO NACIONAL
DE ANTROPOLOGIA COLONIAL



Edição da
1.^a Exposição Colonial Portuguesa
Pôrto — 1934

DEP. LEG.



J. A. PIRES DE LIMA

Prof. da Faculdade de Medicina do Pôrto
Director do Instituto de Anatomia
(Subsidiado pela Junta de Educação Nacional)

124536

Estudos de Antropologia Colonial

O que temos feito e o que precisamos de fazer

Conferência inaugural
da 1.^a Secção do

I CONGRESSO NACIONAL
DE ANTROPOLOGIA COLONIAL



Edição da
1.^a Exposição Colonial Portuguesa
Pôrto — 1934

Composto e impresso na Tipografia Leitão,
de Anjos & C.^a, Limitada — R. da Picaria, 73
===== Telef. 5070 — Porto =====

Estudos de Antropologia Colonial

O que temos feito e o que precisamos de fazer

pelo Prof. Dr. J. A. Pires de Lima

(Pôrto)

Minhas senhoras:

Meus senhores:

Aristóteles chamava antropólogos àqueles que dissertavam sôbre o Homem; mas, nos tempos antigos, a antropologia estudava o ser humano apenas sob o ponto de vista moral.

Só desde há um século é que a antropologia é considerada como sinónimo de história natural do Homem (Serres 1838) e, apenas no meado do século XIX, é que a antropologia se organizou como ciência autónoma.

Em 1859 fundou-se em Paris, sob os auspícios de Paul Broca, a *Société d'Anthropologie* e, pouco depois, em todos os países civilizados se criaram sociedades análogas, cátedras, museus e revistas especiais dedicadas à História Natural do Homem. Começaram então a realizar-se estudos sistemáticos dos diferentes povos e raças.

Como é sabido, coube a Portugal a grande missão de

desvendar à Europa uma grande parte do mundo, Portugal

« cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro. »

O génio dos Portugueses de antanho, à medida que descobria e conquistava novas terras, ia

« *Vendo os costumes bárbaros, alheios,
Que a nossa África ruda tem criado* ».

Quem se der ao prazer de folhear as obras da nossa opulentíssima literatura dos séculos XV, XVI e XVII, encontrará elementos para um verdadeiro tratado de etnografia.

Mas os estudos sistemáticos de antropologia começaram a realizar-se em Portugal um pouco tarde.

Só em 1880, graças ao impulso dado pela reunião do Congresso Internacional de Antropologia de Lisboa, onde tão apreciados e discutidos foram os trabalhos de Carlos Ribeiro e Nery Delgado, é que se iniciaram no nosso país investigações sobre aquela ciência. Êsses estudos, começando pela metrópole, logo se estenderam às colónias. A necessidade de os desenvolver foi há pouco bem salientada pelo Prof. Leite de Vasconcelos na sua monumental *Etnografia Portuguesa*, onde se lêem as seguintes palavras:

« Tomando em consideração a Etnografia dos povos incultos, e no nosso caso a da maior parte das colónias portuguesas pois não só o viver das tribus selvagens aclara, por comparação, bom número de obscuridades da história antiga, e resolve problemas de sociologia, mas nenhuma administração colonial será digna, quando na posse do respectivo governador não esteja de antemão o conhecimento pormenorizado da província que administra.

Ao falar, embora não de selvagens, mas de gentios da nossa Índia antiga, lembra Diogo do Couto que os milagres de administração que lá fez certo governador resultaram *da*

experiência que tinha da terra, do conhecimento dos homens dela.

No Congresso Internacional de Etnologia e Etnografia celebrado em Neuchâtel em 1914, o Prof. Bezemer leu uma comunicação à cerca da importância da Etnografia na política colonial, sustentando que convinha que os administradores coloniais soubessem Etnografia e que muitas vezes era por causa de não se conhecerem os usos e crenças dos indígenas que rebentavam guerras sangrentas».

Mas não precisamos de ir ao estrangeiro buscar exemplos, pois têm-os brilhantes nos diversos períodos da nossa história. A propósito do «dia de Timor», na Exposição Colonial, diz uma brochura comemorativa:

«O Governador Celestino da Silva soube primeiro ver, soube depois governar... Comandava no mais alto significado do termo—depois de ter decifrado a alma do nativo».

No trabalho que vou apresentar, desejo fazer um sumário da contribuição portuguesa para o estudo antropológico dos povos que habitam as nossas Províncias Ultramarinas.

É, pois, este estudo como que um prefácio aos labores do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, que tanto fará avançar os nossos conhecimentos.

II

Meus senhores:

Ao chegar à Índia, o grande Vasco da Gama notou:

*«Mas agora de nomes e de usança
Novos e vários são os habitantes.»*

e, da boca do Mouro Monçaide, ouviu, impressionado:

*«Mais estranhezas inda das que digo
Nestas terras vereis de usança vária.»*

Todos esses usos e costumes exóticos foram registados pelos nossos grandes escritores da época; não me ocuparei deles, pois o meu intento limita-se a expôr, em resumo, os trabalhos modernos sobre Antropologia e ciências afins.

É curioso referir que o primeiro trabalho português sobre antropologia colonial diz respeito à Índia. Devêmo-lo ao brilhante militar e notável antropologista Fonseca Cardoso (1).

Encontrando-se em Satary em campanha contra uma rebelião de Ranes, esteve durante um mês em Sanquelim, onde estudou e mediu 40 Satarienses masculinos, de 20 a 50 anos.

Baseando-se nos seus caracteres descritivos e métricos, concluiu, de acôrdo com Risley, Topinard, etc. que se tratava duma mistura de raças.

Na sua valiosa memória, que foi publicada em 1896, Fonseca Cardoso estuda a situação geográfica e a meteorologia da província de Satary, cuja população, de 20.000 habitantes, Maratas caçadores e guerreiros, é guiada pelos Ranes, e pouco influenciada pela civilização europeia.

A família do sábio Fonseca Cardoso ofereceu ao Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto seis crânios, cinco dos quais provenientes do cemitério de Sanquelim (Satary) e o outro pertencente a um indivíduo morto em combate em Cudnem. Êstes crânios foram estudados pelo Director daquele Instituto, Prof. Mendes Correia (9), que verificou tratar-se duma série pouco uniforme, na qual se notavam influências caucasóide ou ariana e indo-africana.

O Prof. Germano Correia (14) bradava em 1918 que nada se sabia sobre a composição racial da população da Índia portuguesa, que nada se sabia sobre as origens étnicas dos habitantes de Goa, Damão e Diu; que nada se sabia sobre a evolução antropológica e constituição etnológica dos Luso-descendentes da Índia; que não se tinha estudado o aclimamento lusitano da Índia; até à data, só o indígena de Satary tinha sido estudado antropológicamente (Fonseca Cardoso 1895).

O Autor foi ouvido nos seus clamores e o Director da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Gôa, Prof. Volfango da Silva, criou ali um pequeno gabinete antropológico e laboratório antropométrico, obra que reproduziu belos frutos, como veremos.

Em quatro de Maio de 1923, Constâncio Mascarenhas

(25) pronunciou na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia uma conferência (A pátria do Buda), em que versou largamente o problema das castas e a história e etnografia indianas; e, no ano seguinte, desenvolvendo muito estas noções e publicando as observações de vinte crânios indianos do Museu do Instituto de Anatomia do Pôrto, Constâncio Mascarenhas preparou e defendeu uma notável tese de doutoramento (31).

Em 1926, o Prof. Bethencourt Ferreira (37) estudou sete crânios de Satary pertencentes ao Museu Bocage, verificando que a série não é uniforme, notando-se a mestiçagem do indígena de Satary, hipótese já aventada por Fonseca Cardoso e Risley.

As conclusões de Bethencourt Ferreira concordam com as de Mendes Correia e Constâncio Mascarenhas.

Foi de excelentes efeitos a campanha do Prof. Germano Correia, o qual, graças à instalação do Laboratório de Antropologia, pôde publicar, já em 1928, uma extensa e valiosa memória sôbre os Luso-descendentes (46).

Assim se designam, na Índia, os descendentes dos Portugueses metropolitanos, nascidos em Goa, Damão e Diu. A maior parte dêles ainda não se cruzaram com as indianas, havendo contudo alguns mestiços Luso-indianos.

A primeira tentativa de fixação dos Portugueses na Índia data de Afonso de Albuquerque: o grande conquistador determinou, logo no comêço do Século XVI, que os Portugueses que demandassem a Índia se casassem com *mouras alvas e de bom parecer* (1).

Mas a expectativa de Albuquerque não teve pleno êxito, pois que, segundo Gaspar Correia, os mestiços « saíram errados da bondade dos seus pais e mãis ».

No século XVII, nova tentativa de colonização europeia. O Govêrno mandou para a Índia raparigas de bons costumes

(1) Afonso de Albuquerque presidia aos casamentos, dotava os noivos e parece que até dirigia as cerimónias nupciais (Prestage «Descobridores Portugueses» Pôrto 1934).

(*Órfãs de El-Rei*), com a intenção de as matrimoniarem com os Portugueses expedicionários. Os actuais Luso-descendentes proveem dos casamentos das *Órfãs de El-Rei* com os militares que iam em serviço para a Índia, muitos dos quais pertenciam à melhor aristocracia. Luso-descendentes eram Elvino de Brito, Silva Teles, Cristóvam Aires e tantos outros que se distinguiram no professorado, nas letras e na política.

O número actual de Luso-descendentes é de cerca de dois milhares, entre os quais se contam 12 médicos, 6 generais de reserva, numerosos estudantes, funcionários civis e militares, etc.

O Autor estuda, sob o ponto de vista morfológico, algumas dezenas de Luso-descendentes, praticando nêles grande número de medidas. Comparando os Luso-descendentes da Índia com Portugueses da Metrópole estudados por diversos antropologistas, chega à conclusão seguinte: «Os Luso-descendentes da Índia Portuguesa apresentam um tipo morfológico inteiramente semelhante ou mesmo quási igual ao dos Portugueses europeus».

Francisco Correia, numa série de trabalhos que tem publicado (47, 50, 64, 68, 69), iniciou o estudo da teratologia humana na Índia, observando algumas anomalias musculares, vícios de conformação dos membros e dos órgãos genitais, anomalias arteriais e nervosas etc.

Antes dêle, publicara eu (20) a observação de uma cabra monstruosa ciclocefaliana, nascida em Nova Gôa, e que me fôra oferecida pelo Prof. Froilano de Melo.

Como os Ranes de Ratary constituem uma casta em via de desaparecimento, o Prof. Germano Correia (51) estudou ainda 25 dêsses indivíduos, que pertencem à casta *Xàtria*, a segunda da jerarquia bramânica. São guerreiros, de estatura elevada, fortes, de cabelo louro, pele moreno-clara.

Num relatório do tenente-coronel Leite de Magalhães (A Província de Satary, Nova Gôa 1920), do qual há pouco tive conhecimento, também aquele infatigável investigador se ocupa do indígena de Satary sob o ponto de vista etnográfico.

Em um novo e desenvolvido estudo, o Prof. Germano

Correia (66) expõe o resultado das mensurações que praticou em 300 crianças e adolescentes (dos 10 aos 21 anos), de origem europeia, nascidos em Goa. É largamente estudada a morfologia e caracteres descritivos, tipos somáticos, antropometria, crescimento, etc, confrontando-se aqueles indivíduos com as crianças e adolescentes da Metrópole.

No mesmo ano (1931), Constâncio Mascarenhas (63) publicou uma nova contribuição sôbre a antropologia de Goa, estudo descritivo e métrico de vinte crânios de Indianos.

Salientou a variedade de tipos encontrados e, confrontando o seu trabalho com os de outros Autores, concordou com êles a respeito do índice cefálico dos Indianos.

Costa Pegado (65) investigou algumas disposições mio-lógicas em 175 Indianos vivos, segundo as normas do *Comité International des Recherches des Parties Molles* (C I R P), estudando as percentagens das variações musculares em diversas castas.

Por último, muito recentemente, Bragança Pereira (77) publicou um extenso e valioso trabalho sôbre a história e os usos e costumes das diversas castas do Estado da Índia. Essa memória é, por assim dizer, o resumo da obra monumental do mesmo Autor, inserida no Volume I da importantíssima coleção de estudos intitulada « A Índia Portuguesa » — Nova Gôa — Imprensa Nacional, 1923.

E, ao abrir dêste Congresso, tomei conhecimento da publicação duma notável memória sôbre os Maratas da nossa Índia, trabalho que foi apresentado ao Congresso Internacional de Ciências Antropológicas em Londres pelo Prof. Germano Correia.

III

*« Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria »*

não deixaram os Portugueses de ir observar Timor, a sua mais longínqua possessão, que foi uma das primeiras a começar a ser estudada sob o ponto de vista antropológico.

Foi em 1898 que o Prof. Barros e Cunha (2) deu à luz a sua memória à cerca de uma série de crânios daquela Ilha, existentes no Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Essa colecção fôra medida, já em 1885, pelo Autor, de colaboração com Aarão de Lacerda e Duarte Leite, então alunos.

Foram feitas trinta mensurações naqueles crânios, dos quais 28 são masculinos, 1 feminino e 6 incertos. Provinham das decapitações de inimigos vencidos numa guerra.

Refere-se Barros e Cunha aos trabalhos de Quatrefages, Wallace, Forbes, Hamy, Lesson e outros autores estrangeiros que se ocuparam da geografia e das raças de Timor, e, confrontando as suas peças com diversos ramos das raças Papua, Malaia e Polinésia, termina: «Podemos, pois, concluir com segurança, que, conquanto haja em Timor a mistura de muitas raças, o elemento Papua predomina enormemente sobre todos os outros, pelo menos na parte portuguesa da Ilha».

João dos Santos Pereira Jardim (3), oficial do exército, o qual estacionou muito tempo em Timor, redigiu muitas e curiosas notas sobre os usos e costumes do povo daquela Ilha.

Aproveitando essas notas, Santos Rocha apresentou uma comunicação sobre a etnografia de Timor, em 24-X-98, à Sociedade Arqueológica da Figueira.

Em 1916 saíram duas memórias do Prof. Mendes Correia (7,8), sobre antropologia timorense. Na primeira delas, cita as conclusões dos trabalhos de Ten Kate e, baseando-se em apontamentos manuscritos deixados por Fonseca Cardoso, exprime a opinião de que os Timorenses são o produto da fusão de elementos malaios com elementos negroides.

A segunda memória de Mendes Correia é o estudo feito sobre 107 observações de Timorenses, realizadas *in loco* por Fonseca Cardoso. Baseado nos caracteres descritivos e métricos, conclue igualmente pela heterogeneidade antropológica da população timorense.

Em 1919 deu à luz Leite de Magalhães (16) a sua memória à cerca da etnografia de Timor. Refere-se aos trabalhos

de Barros e Cunha, Ten Kate e Mendes Correia. Estuda os diversos *reinos* timorenses, com os seus dialectos próprios, e, descreve, com vivas côres, o canto de guerra *lôrçá*, em volta das cabeças dos inimigos decapitados.

De índole diversa é o opúsculo de J. A. Fernandes (19). Trata-se de umas notas de viagem colhidas em 1919, mas só publicadas quatro anos depois, em que o Autor faz diversas considerações políticas e literárias, que interessam principalmente a história contemporânea da nossa longínqua possessão. Ali se podem apreciar alguns costumes dos indígenas timorenses, bem como narrativas da guerra de 1912.

Citarei agora o mais recente dos trabalhos portuguezes sôbre antropologia de Timor. Foi elaborado em 1925 por Constâncio Mascarenhas, de colaboração comigo (35) e baseia-se no estudo anatómico e antropológico de quatro crânios de timorenses oferecidos ao Instituto de Anatomia do Pôrto pelo falecido Dr. J. Paiva Gomes. Nessa memória fazemos referência aos trabalhos estrangeiros sôbre o assunto, o primeiro dos quais se deve a Hamy (1875), ao qual se seguiram Lesson, Quatrefages e Hamy, Ten Kate e Kleiweg de Zwaan. Também citamos as obras nacionais, já mencionadas, de Barros e Cunha, Mendes Correia, Leite de Magalhães e J. A. Fernandes.

A análise etnográfica dêste pequeno número de crânios levou-nos a concluir que se trata de uma série heterogénea e a concordar com Ten Kate, que não encontrara em parte nenhuma Timorenses que fôsem Negritos nem Papuas de raça pura, mas sim populações profundamente mestiçadas de sangue melanésio e indonésio.

Um daqueles crânios pertenceu a um indivíduo decapitado na guerra cruel de 1912. Falta-lhe, por isso, o occipital e, na superfície endocraniana, notam-se ainda vestígios da acção do fogo, com que os guerreiros timorenses costumavam mumificar as cabeças das vítimas.

No mesmo crânio estudei eu (44) uma curiosa anquilose da articulação têmpero-maxilar.

Sôbre etnografia desta possessão, leia-se também a memória do P. Sebastião Maria Aparício da Silva «Missão de

Timor», que vem inserta no volume «Portugal Missionário», Sernache do Bomjardim, 1928.

Numa pequena monografia, que só há pouco vi, e que foi publicada em Macau em 1916, o Tenente-coronel Leite de Magalhães estuda os caracteres etnográficos dos indígenas da Ilha de Ataúro (Província de Timor).

E, pouco antes da impressão desta conferência, publicou o Tenente A. Pinto Correia uma notável contribuição para o estudo da etnografia da mesma Província (Gentio de Timor, Lisboa 1935).

O distinto colonialista passou cêrca de 6 anos naquela distante possessão, onde, com muita inteligência, desempenhou o cargo de administrador da circunscrição de Baucau.

A obra de Pinto Correia é, sem dúvida, o mais importante subsídio para o estudo da complicada e obscura etnologia timorense.

IV

Como é sabido, as Ilhas de S. Tomé e Príncipe foram povoadas, principalmente, por indivíduos levados das costas de África, sobretudo de Angola. Por êsse motivo, o estudo antropológico da população daquele Arquipélago não oferece tanto interêsse como o das outras possessões africanas. Sobre tal assunto não conheço, aliás, qualquer trabalho especial.

Apenas direi que, em 1913, foi dissecado, no Instituto de Anatomia que dirijo, o cadáver dumã Negra natural da Ilha de S. Tomé, no qual descrevi (4) uma variação do bicípite braquial, que consistia na bifurcação inferior dêsse músculo.

Informou-me o Rev. missionário P. Miranda Magalhães que um seu colega tinha publicado um largo trabalho sobre etnografia de S. Tomé e Príncipe. Infelizmente, não me foi possível ver essa memória.

V

Muito mais importante é a Província de Angola, que tem sido objecto de um certo número de estudos antropológicos.

As primeiras observações sôbre a antropologia angolense devem-se a Falkenstein (1877), ao qual se seguiram Weisbach, Flower, Zintgraff, Abraham, Deniker e Laloy, Rüdinger, Hartmann, Jacques e Shruballs.

Só em 1915 é que apareceu o primeiro trabalho efectuado por um Português: foi o Prof. Mendes Correia (5) que estudou três crânios de Negros Mossumbes, os quais tinham sido oferecidos ao Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto pelo Rev. Missionário P. Claudino Brites, que obteve aquelas peças em Quissala, perto de Novo Redondo.

O Prof. Mendes Correia estudou minuciosamente os caracteres métricos e descritivos daqueles crânios.

Do mesmo ilustre antropologista mencionarei agora duas importantes memórias (6, 13), elaboradas sôbre numerosas observações colhidas *in loco* pelo malogrado Fonseca Cardoso.

Na primeira são estudados os Quiocos, Luimbés, Luenas e Lutchazes, povos que habitam o interior do distrito de Benguela. Fonseca Cardoso foi chefe de uma expedição militar àquela região, em 1903-04; estudou cuidadosamente a sua população, deixando no seu espólio numerosos apontamentos, os quais foram aproveitados pelo Prof. Mendes Correia, que se ocupou da situação geográfica e etnografia da região, bem como dos caracteres descritivos e métricos de 341 indivíduos, todos adultos (112 Quiocos, 82 Luimbés, 101 Luenas e 46 Lutchazes).

Mendes Correia chegou à conclusão de que se trata da mescla de dois tipos, pelo menos: o *Homo afer* e o tipo *Fula*.

Na segunda memória, o Prof. Mendes Correia utiliza 39 observações feitas pelo sábio Fonseca Cardoso em indígenas do distrito de Benguela (4 de Bi-n'bundo, Capoco do Bié, 28 de Andulos e 7 de Ambuelas-mambundas do sobado de Cangamba).

Estuda a situação geográfica e a classificação daqueles povos, segundo Serpa Pinto, Capelo & Ivens, Paiva Couceiro, João de Almeida etc., e menciona depois os caracteres descritivos e métricos daqueles exemplares. A-pesar-de pertencerem todos à raça Bantu, não há inteira unidade entre estes

grupos, pois os Angolenses, sob o ponto de vista antropológico, estão longe de constituir uma raça homogênea.

Pela mesma época, o malgrado antropologista Prof. A. A. da Costa Ferreira (10) fez o estudo sumário de uma série de crânios colhidos em Luanda e Benguela pelo Prof. Silva Teles. Essa importante coleção foi assim classificada por Costa Ferreira, de colaboração com o hoje Prof. Vítor Fontes: australoides 4, negros 42, negroides 33 e caucasoides 36.

Também no mesmo ano, David Magno (18) estudou a etnografia dos Dembos (caracteres etnográficos, organização social, características de família e religião).

Ainda em 1919 foi publicada uma memória póstuma em que o infatigável Fonseca Cardoso (15) investiga a antropometria de 74 homens da tribo Luímbe, chegando à conclusão que ela não se destaca do tipo geral Ganguela, ao qual pertence. Estuda ainda alguns Luenas, Quiocos e Lutchazes, mencionando os caracteres étnicos de cada um desses grupos.

Faz uma narrativa animada da invasão dos Quiocos na região de Moxico, e menciona a lenda lutchaze sobre a sua migração, bem como a lenda do Lago Dilolo. Descreve diversos instrumentos musicais dos Ganguelas e termina a sua valiosa memória com um vocabulário luena, quioco e bailundo, com a sua correspondência em português.

Ainda no mesmo ano, o Prof. Hernâni Monteiro (17), então meu Assistente, estudou as avulsões dentárias étnicas de nove crânios de Negros do Humbe (Mutano), os quais tinham sido oferecidos ao Instituto de Anatomia do Pôrto pelo Dr. Manuel Bragança.

Em todas aquelas peças se nota a extracção dos quatro incisivos inferiores. Nos outros crânios de indígenas angolenses existentes no nosso Museu, não encontrou quaisquer mutilações dentárias.

Em 1914 dissecou o Prof. Henrique de Vilhena (21), no Instituto de Anatomia de Lisboa, uma Negra de 30 anos, natural de Luanda, descrevendo minuciosamente o seu sistema muscular.

O Rev. Missionário P. Miranda Magalhães enviou ao Prof. Mendes Correia quatro crânios de Luangos da região dos

Dembos, peças que serviram de base, assim como numerosas notas colhidas pelo mesmo missionário, para um novo trabalho daquele investigador (22).

A série não era homogênea e, apesar de juntar a essas observações mais oito colhidas no vivo pelo P. Miranda Magalhães, não se julgou habilitado o antropologista portuense a tirar conclusões definitivas.

Ao *Primeiro Congresso Internacional de Medicina Tropical na África Ocidental* (Luanda 1923) foram apresentadas quatro comunicações sôbre antropologia angolense.

O Prof. Germano Correia (28) dissertou sôbre os Ovampos de Angola (generalidades, clima da Ovâmpia portuguesa, Cuamatos, Cuanhamas e Evales, seus usos e costumes, religiosidade, alimentação, caracteres descritivos e métricos de 21 indivíduos).

Luís Guerreiro (27) preconizou a criação de um Instituto de Antropologia em Angola, para o estudo sistemático do colono e do indígena.

O P. Miranda Magalhães (26) falou da origem do povo de Angola e das diversas raças que aí habitam, bem como dos seus caracteres métricos. Tratou ainda da evolução e crescimento dos indivíduos de Luanda, desde o 2.º ao 22.º ano (119 observações).

Segundo aquele ilustre Missionário, as crianças indígenas são tão inteligentes como as europeias, mas, nos adultos negros, a inteligência diminue.

De colaboração com Hernâni Monteiro e Constâncio Mascarenhas, apresentei também àquele congresso (30) uma comunicação que versou o estudo de 18 crânios angolenses do nosso Museu, (9 do Humbe, oferecidos pelo Dr. Manuel Bragança, 6 do Libolo-Quanza Sul, oferecidos pelo Dr. Fernandes Tôres etc.). Confronto das nossas mensurações com as obtidas por outros investigadores nacionais e estrangeiros.

Pela mesma época, o Dr. Fernandes Figueira (32), iniciando os estudos de teratologia nos indígenas angolenses, observou alguns casos de polidactilia, publicando as suas observações, acompanhadas de medidas praticadas nos mes-

mos indivíduos pelo Prof. Germano Correia e pelo P. Miranda Magalhães.

Não é rara a hiperdactilia nos Negros de Angola, que consideram uma inferioridade tal anomalia; por êsse motivo, é freqüente os Negros amputarem a si próprios os dedos supranumerários.

Em 1931 publiquei também (67) a observação de um caso de polidactilia das mãos de um Negro visto em Luanda pelo Dr. Eurico de Almeida. E, num volume que editei em 1930 (58), inseri as observações de um caso de ginècomastia colhido no Moxico (Alto Zambeze) pelo Dr. Aristides Silva.

Citarei agora mais quatro memórias, duas do Prof. Germano Correia (61, 62) e outras duas do Prof. Barros e Cunha (54 e 75).

No primeiro dos seus trabalhos, o professor indo-português estudou detidamente, sob o ponto de vista antropométrico e etnográfico, 25 soldados Cuanhamas de 20 a 40 anos; e no segundo fez o estudo antropológico de 23 indivíduos nascidos em Angola, pertencentes à terceira geração de Portugueses idos da Metrópole.

Faz ali a história da colonização portuguesa de Angola, estuda a climatologia dessa Província Ultramarina e declara que os Luso-descendentes angolenses teem um alto nível moral e uma religiosidade e laboriosidade apreciáveis. Por êsses motivos, devem gosar as mesmas regalias que os Portugueses metropolitanos.

Durante a guerra, o Dr. Viana de Lemos, mobilizado para Angola, ali estudou uma série de 54 crânios de indígenas do Humbe e do Cuamato. Essa importante colecção perdeu-se, infelizmente, depois de um estudo sumário daquele Autor, cuja memória foi feita de colaboração com o Prof. Barros e Cunha (54).

A pequena capacidade daqueles crânios denotava, talvez, mestiçagem com elementos bochimanes. O índice cefálico (média 73,5) não se afastava de outras séries angolenses já estudadas anteriormente.

A última publicação do professor conimbricense (75) refere-se à minuciosa observação do crânio de um soba quico,

o qual fôra obtido em 1927 pela missão científica dirigida pelo Prof. Luís Carriço.

Para terminar, direi que tenho conhecimento de mais dois trabalhos, actualmente em via de publicação, sôbre antropologia da nossa vasta possessão da costa ocidental de África: a observação do cadáver de uma Angolense, que foi dissecado no Instituto de Anatomia do Pôrto pelo Prof. Luís de Pina e pelo Dr. Armando Leão, (*Trab. da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia*), e o estudo de uma série de crânios, da autoria do Dr. Constâncio Mascarenhas.

Não deverei esquecer também um pequeno trabalho sôbre patologia comparada. O Dr. Manuel J. dos Santos ofereceu ao nosso Instituto uma colecção incompleta dos ossos de um Gorila que fôra caçado no território da Intendência de Cabinda. Nêsse esqueleto estudei (76) as fracturas consolidadas do cúbito e do rádio esquerdos.

Citarei ainda uma luxuosa obra aparecida durante a Exposição: a «Etnografia Angolense», em que Fernando Mouta, em belas e numerosas estampas, estuda diversos tipos étnicos do Norte de Angola (Malange e Lunda).

Também tomei conhecimento, há pouco, de uma importante monografia do Tenente-coronel Leite de Magalhães (Distrito de Quanza-Sul, Lisboa 1924), a qual insere um capítulo que se ocupa da etnografia daquele distrito angolense.

VI

A Antropologia de Moçambique tem despertado menos a nossa atenção que a de Angola.

Foi Dumontier quem primeiro se occupou da antropologia dos povos da nossa costa africana oriental (1854). Depois dêle, trataram mais ou menos do assunto Dusseau, Zuckerkandl, Ecker, Quatrefages & Hamy, Passavant, Weicker, Rüdinger, Shruballs, Fülleborn e Stow, mas todos trabalharam com números muito escassos.

Os primeiros trabalhos de certo vulto sôbre antropologia e etnografia moçambicanas devem-se a um Português, o Prof.

Américo Pires de Lima, então Assistente da Universidade do Pôrto, que, nos anos de 1916-17, foi mobilizado como médico militar para o Norte de Moçambique, onde praticou largas investigações sôbre a flora, fauna e antropologia daquela Província Ultramarina. No regresso, publicou duas memórias relativas ao assunto que nos interessa (11,12).

Na primeira estudou quatro manipanços macondes, com características étnicas (tatuagens etc.), objectos de uso doméstico (vaso de madeira de colhêr água donominado *cata*), uma espécie de peneira chamada *quitundo* ou *nibuco*, várias armas, como uma *iba*, arcos e flechas, instrumentos músicos macuas e macondes (*ringa, goma*), estudos de trajes, amuletos, lendas e costumes etc. Notou ali uma considerável influência mussulmana.

A segunda memória de Américo Pires de Lima é um longo estudo, baseado em numerosas observações colhidas durante a campanha do Niassa em 1916-17.

Faz a narrativa das complicadas migrações dos povos em Moçambique e estuda os caracteres das tribus da costa oriental da nossa África.

Observações minuciosas de 170 indígenas adultos do sexo masculino, em geral carregadores negros ao serviço da expedição: 18 Suáilis, 13 M'jauas, 25 Macuas da região do Medo, 22 Macuas da região de Moçambique, 57 Quelimanes (Manicas, Macuas etc.), 16 indígenas de Tete, 5 de Inhambane e 14 Landins.

Com êste material tão rico, conseguiu elaborar uma importante memória, em que fixou os caracteres métricos e descritivos de tôdas aquelas tribus. Dêste modo, deixou de ter cabimento o reparo que fizeram Quatrefages & Hamy em 1882, ao dizerem que «as vastas regiões que se estendem ao norte dos países cafres até aos Grandes Lagos eram quâsi inteiramente novas para a história natural do Homem».

Em 1924, graças às diligências dos Doutores Gouveia Pinto, António Barradas, Sousa Dias e Ramos de Magalhães, consegui obter para o Instituto de Anatomia do Pôrto 14 crânios de indígenas, certamente Landins, de Marracuene (perto de Lourenço Marques).

Essas peças foram estudadas por Constâncio Mascarenhas, de colaboração comigo (34). A série é perfeitamente uniforme, e as nossas conclusões aproximam-se das que tirou o Prof. Américo Pires de Lima.

O Dr. Eurico de Almeida (33) observou um caso de ginècomastia num Macua de Moçambique e, em 1928, publicou Gustavo de Bivar Pinto Lopes (45) as respostas a um vasto inquérito sôbre antropologia, etnografia, história, direito, usos e costumes, língua, literatura etc., dos povos que habitam o território que está sob o domínio da Companhia de Moçambique. A página 123 desta longa obra insere-se uma extensa bibliografia sôbre a etnografia de Moçambique, referente a Manica, Sofala, Sena, Bàrué etc.

Em 1928 foi dissecado minuciosamente, no Instituto de Anatomia do Pôrto, pelos Professores Álvaro Rodrigues, Luís de Pina e Sousa Pereira (49, 53), um negro de 25 anos, natural de Moçambique e o resultado dessa dissecação foi comunicado ao *Comité International pour les Recherches sur les Parties Molles*, de Varsóvia, que o publicou em primeiro lugar nas suas «Folia Morphologica».

Pouco depois, o Prof. Henrique de Vilhena (57) dissecou, no Instituto de Anatomia de Lisboa, de que é ilustre director, uma Negra de 27 anos, natural de Quelimane, e notou as suas disposições miológicas.

Em 1931, o Prof. Luís de Pina (73) publicou uma nova e importante contribuição para o estudo da antropologia moçambicana.

Refiro-me à observação, realizada por aquele investigador, dos crânios dos indígenas de Moçambique existentes no Museu Broca de Paris. Nêles, e na série do Instituto de Anatomia do Pôrto, mediu também os ângulos da base, segundo a técnica de Papillault. As séries até hoje estudadas, diz o Prof. Pina, são insuficientes para se tirarem conclusões definitivas.

Finalmente, em 1934, por ocasião da Exposição Colonial, saíram duas brochuras, que interessam à etnografia moçambicana.

Pereira Cabral (79) refere-se às diversas sub-raças e tribus

que povoam os distritos de Moçambique e, a respeito de cada grupo, faz interessantes considerações antropológicas e etnológicas. E o capitão Santos Figueiredo (80), numa brochura publicada também a propósito da Exposição, insere valiosas considerações sobre a distribuição dos povos de Moçambique e suas características.

Do mesmo assunto se ocupa a bela monografia publicada em 1929 pela Imprensa Nacional de Lourenço Marques «A Colónia Portuguesa de Moçambique».

Também devo citar, sobre etnografia moçambicana, o trabalho do P. Manuel da Cruz Boavida «Região do Maputo e a sua Missão Católica», do volume «Portugal Missionário, Sernache do Bomjardim, 1928».

A-pesar-de se tratar de trabalhos realizados por estrangeiros, não posso deixar de mencionar as investigações antropológicas efectuadas nas suas viagens pelo Continente africano pelo Prof. Lidio Cipriani, que obteve, liberalmente, para o Museu Nacional de Antropologia e Etnologia da Régia Universidade de Florença, 21 esqueletos completos exumados dos arredores da Beira, os quais estão sendo objecto de vários estudos, entre êles o de Claudia Massari—Crani di Mozambico (*Archivio per l'Antropologia e la Etnologia*, LXII, 1933).

Nele se registam os dados morfológicos e métricos obtidos em 18 crânios, fazendo-se a comparação entre êsses dados e os que foram colhidos por Shruballs, Pires de Lima e Luís de Pina.

A série é homogénea e apresenta nítidos caracteres negros, mas com vestígios de provável influência etiópica.

Contou-me o Dr. A. Barradas que um missionário protestante suiço publicou uma extensa e valiosa obra em dois volumes, em língua inglesa, acerca da etnografia moçambicana. Não me foi possível ver aquela obra.

VII

O estudo da população de Cabo Verde tem sido muito descuidado.

A êste respeito só tenho conhecimento da missão cien-

tífica levada a efeito em 1913 pelo Prof. Henrique de Vilhena, (21), que se fez acompanhar pelo então aluno Silva Martins.

Dissecaram ali, no Hospital da Praia, um Negro de cerca de 60 anos, natural daquela cidade, e o Prof. Vilhena descreve a musculatura daquele indivíduo na V série das suas «Observações Anatômicas».

Em 1924 tive ocasião de publicar (29) no «Journal of Anatomy» a observação de um caso curiosíssimo de otocefalia rudimentar.

O monstro nasceu na Ilha do Fogo e a sua cabeça fôra-me enviada pelo Dr. Fausto Lage.

VIII

O estudo científico das tribus tão complexas e variadas da Guiné começou a fazer-se muito tarde.

Depois que, há longos anos, Quatrefages e Hamy observaram um número, aliás muito escasso, de crânios provenientes da Guiné Portuguesa, só muito recentemente é que, no nosso País, começou a estudar-se a antropologia daquela nossa possessão.

Em 1926 o Dr. João Sant'Ana Barreto colheu e identificou 29 crânios de indígenas da nossa Guiné, oferecendo-os ao Instituto de Anatomia do Pôrto.

De colaboração com aquele distinto médico colonial, e com o meu antigo Assistente Dr. Constâncio Mascarenhas, redigi três memórias (52,56, 74), em que são estudados aqueles crânios, que pertencem às tribus seguintes: Papeis, Manjacos, Biafadas, Mandingas, Fulas, Balantas, etc.

A série é pequena, mas homogênea. Pelos índices cefálico e nasal, bem como pelo ângulo naso-alvéolo-basilar, nota-se que participaram na constituição antropológica do povo da Guiné raças variadas, como os Negritos e os Árabo-berberes.

Num dos crânios, da tribu Fula-fula, observei (43) um caso raro de agenesia dos ossos nasais.

O Prof. Mendes Correia e o seu Assistente Dr. Alfredo Ataíde (55) estudaram cinco crânios e três esqueletos de indígenas da tribu dos Papeis, os quais foram oferecidos pelo

Dr. J. Vitorino Pinto ao Instituto de Antropologia do Pôrto. Os Autores notaram as relações entre os nossos guinêenses e as tribus que se estendem do Senegal à Serra Leoa.

O Prof. Luís de Pina (71) observou um caso de músculo presternal bilateral num monstro humano exencefaliano nascido na Guiné e oferecido ao Instituto de Anatomia do Pôrto pelo Dr. Monteiro Filipe.

E, muito recentemente, o Capitão de Fragata Teixeira Marinho (78) traçou um esboço histórico da Guiné, desde a passagem do Cabo Bojador em 1434. Diz que a nossa Guiné é povoada por um grande número de gentes, com línguas, costumes e tipos bastante diferenciados e estuda sumariamente os principais grupos étnicos (Felupes, Papeis, Manjacos, Balandas, Fulas, Nalus, Bijagoz etc).

Sobre o mesmo assunto, deve lêr-se também a memória do P. João Esteves Ribeiro « Por terras da Guiné — Notas de um antigo missionário », publicada no citado volume « Portugal Missionário, Sernache do Bomjardim. 1928 ».

IX

Largo campo oferece para as investigações dos etnólogos e dos antropologistas o curioso grupo dos Luso-descendentes de Macau e das comunidades portuguesas de Hong-Kong, Xangai, Cobe, Cantão, Singapura, Malaca e outras partes do Extremo-Oriente.

Nesses grupos encontram-se perfeitamente conservadas as virtudes dos Portuguezes dos Séculos de quinhentos e seiscentos, como pode verificar-se no moderno episódio da tomada do forte de Passaleão, narrativa que vou resumir da obra do capitão-tenente Jaime do Inso « Macau a mais antiga colónia europeia do Extremo-Oriente, Macau 1930 ».

Em 22 de Agosto de 1849, o Governador Ferreira do Amaral foi traiçoeiramente assassinado. Em seguida o forte chinês de Passaleão começou a bombardear furiosamente Macau. Lavrava já o desânimo em grande parte da população, quando o Macaense Vicente Nicolau de Mesquita, tenente

de artilharia, se ofereceu para atacar aquela posição, brandando aos soldados:

«Siga-me quem quiser morrer!» E, num arranco desesperado, à frente de 36 bravos e com uma pequena peça que encravou ao primeiro tiro, assaltou o forte de Passaleão, conseguindo desalojar e pôr em debandada todos os nossos inimigos, a-pesar-de ser o forte muito artilhado e guarnecido por quinhentos soldados chineses, que tinham de refôrço, nos montes próximos, perto de 1.500 homens!

X

Vou agora citar, muito resumidamente, os trabalhos de que tenho conhecimento, referentes a várias colônias em conjunto.

O Prof. Hernâni Monteiro (23), estudando as anomalias dentárias nos Portugueses, aproveitou a série de crânios coloniais do Instituto de Anatomia do Pôrto, entre êles o de um Indiano que apresenta um dente implantado nas fossas nasais.

Estudando a apófise paramastoideia no Homem, o mesmo professor (24) percorreu também aquela colecção, encontrando tal anomalia numa Indiana de 70 anos e num sobá da região do Libolo.

O Prof. Amândio Tavares, em grande número de trabalhos seus, estudou igualmente os crânios coloniais dos Institutos de Antropologia e de Anatomia do Pôrto, onde encontrou algumas variações dos canais condilianos anterior e intermediário (38,39), das eminências basilares do occipital (36,40), e do canal condiliano posterior (48).

Também estudou o Prof. Tavares, naquelas colecções, o metopismo (41,42), e as formações inter-parietais (59).

Seguindo idêntico método, o Dr. Fernando C. Pires de Lima (60) estudou o índice do buraco occipital e o Prof. Luís de Pina, de colaboração comigo (70), a distância bicaruncular, a sua importância antropológica e teratológica.

O Prof. Pina (73) ocupou-se igualmente dos ângulos da base do crânio nos indígenas das nossas possessões de África.

M. S.

Eis no que se cifra a contribuição portuguesa para o conhecimento da Antropologia das nossas Províncias Ultramarinas. Para a bibliografia que organizei àcerca da antropologia colonial e ciências afins, reuni 80 números, além de alguns outros de que só tomei conhecimento depois de elaborar aquela relação de memórias.

Representa esta bibliografia um labor considerável, se atendermos à escassez de meios com que lutamos; mas é forçoso confessar que tudo é muito pouco relativamente à grandeza do nosso Império.

Como vimos, grande parte dos trabalhos devem-se à actividade dos Institutos portuenses de Antropologia e de Anatomia.

Êsse esforço nasceu, quási por completo, da iniciativa individual dos directores daqueles centros de investigação científica, os quais não teem encontrado da parte dos Poderes do Estado o necessário auxílio e estímulo.

Vou contar alguns episódios para comprovar o que afirmo.

Logo que fui encarregado da direcção do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, pensei em organizar no seu Museu uma secção de antropologia e etnologia coloniais. Com êsse intuito, dirigi-me oficialmente aos governadores de tôdas as colónias, solicitando peças para tal secção do Museu; pois não obtive qualquer resposta de nenhum dêsses altos funcionários.

Em 1933 a Escola Médico-Cirúrgica de Nova Gôa ofereceu-me, para o Instituto que dirijo, um monstro humano. Depois de longas e complicadas peripécias, o monstro chegou a Lisboa e foi depositado na Alfândega da capital. Requeri que o caixote fôsse retirado e enviado ao seu destino como simples encomenda, sem mais formalidades nem despesas, visto tratar-se de material de estudo para um estabelecimento do Estado. O Sr. Director Geral das Alfândegas

comunicou-me, em resposta, que S. Ex.^a o Sub-Secretário de Estado das Finanças dispensara a abertura do volume.

Não foi, pois, necessária a visita do delegado de saúde e evitou-se o transporte para o Pôrto em vagão fúnebre especial.

Mas tive de pagar, de direitos de importação, um tostão em ouro por quilo de monstro e respectivas embalagens, o que me ficou por perto de duzentos escudos.

Depois disto, o meu amigo Dr. Cláudio Ferreira mandou-me de Ibo uma valiosa colecção de peças de arte maconde, crânios de Mamíferos do Norte de Moçambique etc.

Em virtude duma recente disposição legal, não tive de pagar direitos de importação.

Mas, como o verificador da alfândega notasse que os caixotes tinham pêso superior ao que vinha indicado nos documentos, fui processado.

O douto magistrado que me julgou, atendendo benèvolamente à minha categoria oficial, e reconhecendo ainda, nas suas alegações, que os objectos que me enviaram não eram destinados a comércio, concluiu que não se tratava de fraude e houve por bem lavar uma sentença absolutória.

Esquêçamos os tristes episódios e vamos concluir.

M. S.

Para a grandiosa Exposição Colonial, que tanto enobrecceu o Pôrto, vieram centenas de indígenas de tôdas as nossas Possessões.

Talvez nunca se tenha reunido na Europa tão grande número de indivíduos das mais variadas raças exóticas.

Fieis às suas tradições, os Institutos portuenses de Antropologia e de Anatomia, sob a direcção dos Doutores Alfredo Ataíde e Luís de Pina, estudaram detidamente aqueles exemplares e estão elaborando uma série de memórias, que muito virão enriquecer a literatura portuguesa sôbre Antropologia colonial.

Êste Congresso vai apreciar já o início dessa obra considerável.

O que está feito, meus Senhores, é um ligeiro esboço da tarefa imensa que temos de empreender.

Alongaria demasiadamente este discurso se apresentasse um minucioso plano de futuros trabalhos.

Para começo de realização desse plano, limitar-me-ei a exprimir apenas um voto.

É preciso que os derradeiros sinais da Exposição se não desvançam com a aproximação do Inverno.

Palácio das Colónias se designou o velho e bisonho *Palácio de Cristal Portuense*. É necessário que se mantenha definitivamente a nova função do Palácio, que deve transformar-se num Instituto Colonial, anexo à Universidade do Pôrto.

Deviam criar-se, no seu belo parque, um jardim botânico e um jardim zoológico, onde estariam representadas, o melhor possível, as espécies das nossas Províncias Ultramarinas.

Nas amplas salas do Palácio organizar-se-iam museus de mineralogia, agronomia, antropologia, etnologia, farmacologia e higiene coloniais, bem como uma biblioteca especializada, e ali fariam um estágio os missionários, os militares, os médicos, os enfermeiros, os funcionários, os agricultores, os industriais e os comerciantes que pretendessem exercer a sua actividade no nosso Império de Além-mar.

Submeto este alvitre à douta Assembleia que me escuta, e chamo para êle a atenção do activíssimo Director da I Exposição Colonial Portuguesa, do Professor Alfredo de Magalhães, insigne Presidente da Câmara Municipal do Pôrto, ao qual se deve o ressurgimento do Palácio, e de Suas Excelências os Ministros das Colónias e da Instrução.

Tenho dito.

P. S. — Foi com mágua que vi dispersar todos os vestígios da I Exposição Colonial Portuguesa.

Como professor e como portuense, julgo ter cumprido o meu dever, e aqui deixo o eco duma voz que bradou no deserto.

Bibliografia portuguesa sôbre antropologia colonial e ciências afins

- 1) Setembro 1896 **Fonseca Cardoso** — O indígena de Satary. Estudo antropológico (*Revista de Ciências Naturais e Sociais*, n.º 17 Vol. V Porto 1896).
- 2) 1898 **Barros e Cunha** — Notícia sôbre uma série de crânios da ilha de Timor existentes no Museu da Universidade — Coimbra 1898.
- 3) 1898 **João dos Santos Pereira Jardim** — Notas etnográficas sôbre os povos de Timor. Comun. apresent. à *Sociedade Arqueológica da Figueira* por Santos Rocha em 14-X-98 (*Portvgalia* — I,2).
- 4) 1914 **J. A. Pires de Lima** — Nova série de observações de anomalias musculares (*Arquivo de Anatomia e Antropologia* — I,3).
- 5) 1915 **Mendes Correia** — Sôbre três crânios de Negros Mossumbes — Porto 1915).
- 6) 1916 **Mendes Correia** — Antropologia angolense Quiocos, Luimbes, Luenas e Lutchazes. Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso (*Arquivo de Anatomia e Antropologia* II,4 — Agosto de 1916).
- 7) 1916 **Mendes Correia** — Antropologia timorense (*Revista dos Liceus*, Porto 1916).
- 8) 1916 **Mendes Correia** — Timorenses de Okussi e Ambeno (*Anais Científicos da Academia Politécnica do Porto*, XI-1916).
- 9) 1916-17 **Mendes Correia** — Sôbre alguns crânios da Índia Portuguesa (*Anais Scient. da Faculdade de Medicina do Porto*, III 1916-17).
- 10) 1917 **A. Aurélio da Costa Ferreira** — Pequena contribuição para uma craniografia de Angola (*Arquivo de Anatomia e Antropologia* III,3, 1917).
- 11) 1917-18 **Américo Pires de Lima** — Notas etnográficas do Norte de Moçambique (*Anais Scient. da Faculdade de Medicina do Pôrto*, IV 1917-18).
- 12) 1917-18 **Américo Pires de Lima** — Contrib. para o estudo antropológico do indígena de Moçambique (*Anais Scient. da Faculdade de Medicina do Pôrto*, IV 1917-18).
- 13) 1918 **Mendes Correia** — Antropologia angolense II Bi-N'bundo, Andulos e Ambuelas — Mambundas. Notas antropológicas sôbre observações de Fonseca Cardoso (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, IV Dezembro de 1918).
- 14) 1918 **Germano Correia** — Índia Portuguesa — Estudos antropológicos e aclimológicos. Nova Goa 1918).

- 15) 1919 **Fonseca Cardoso** — Em terras do Moxico — Apontamentos de Etnografia Angolense (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, I Pôrto 1919).
- 16) 1919 **Leite de Magalhães** — Subsídios para o estudo etnológico de Timor (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, I, Pôrto 1919).
- 17) 1919 **Hernani Monteiro** — Mutilações dentárias da região do Humbe (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, I, 1919).
- 18) 1919 **David Magno** — Etnografia dos Dembos (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Vol. I Pôrto 1919).
- 19) 1919 **J. A. Fernandes** — Timor — Impressões e aspectos Pôrto (Julho de 1919) 1923.
- 20) 1920 **J. A. Pires de Lima** — Anatomy of a fetus of a cyclopean Goat (*The Anatomical Record*, Vol. 19, 1920).
- 21) 1922 **Henrique de Vilhena** — Observações anatómicas V (*Arquivo de Anatomia e Antropologia* VII-1922).
- 22) 1922 **Mendes Correia** — Notas antropológicas sôbre os Luangos da Região dos Dembos (Angola) «O Instituto» Vol. 69 — Coimbra 1922).
- 23) 1922 **Hernani Monteiro** — Sôbre anomalias dentárias em individuos portugueses (*Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* VI, 1922).
- 24) 1922 **Hernani Monteiro** — Sôbre a apófise paramastoideia no Homem (*Portugal Médico* 1922).
- 25) 1923 **Constâncio Mascarenhas** — A pátria do Buda (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Pôrto 4-V-1923).
- 26) 1923 **P. António de Miranda Magalhães** — Contrib. para o estudo do crescimento do povo de Luanda (*Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental*, Luanda Agosto de 1923 V vol).
- 27) 1923 **Luís Guerreiro** — Utilidade do estudo somático e social do individuo de Angola (*Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental* Luanda Agosto de 1923 V vol. e *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, VIII-1923).
- 28) 1923 **Germano Correia** — Contribution à l'étude anthropologique des Ovampos d'Angola (*Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental* Luanda Agosto de 1923 V vol.).
- 29) 1924 **J. A. Pires de Lima** — Rudimentary otocephaly (*Journal of Anatomy*, vol. LVIII, January 1924).
- 30) 1924 **J. A. Pires de Lima, Hernani Monteiro & Constâncio Mascarenhas** — Contrib. para o estudo antropológico do Angolense I.º Congrès de Médecine Tropicale de l'Afrique Occidentale, Luanda 1924).
- 31) 1924 **Constâncio Mascarenhas** — As castas da Índia-Esbôço de estudo antro-po-social (*Tese de doutoramento na Faculdade de Medicina do Pôrto* 1924).

- 32) 1925 **Fernandes Figueira** — Angolenses anómalos (*Portugal Médico* 1925).
- 33) 1925 **Eurico de Almeida** — Gynécomastes et androgynes (*La Presse Médicale*, 24-VI-25).
- 34) 1924-25 **J. A. Pires de Lima & Constâncio Mascarenhas** — Contrib. para o estudo antropológico de Moçambique (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, IX-1924-25).
- 35) 1925 **J. A. Pires de Lima & Constâncio Mascarenhas** — Contrib. para o estudo antropológico de Timor (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, IX-1925).
- 36) 1926 **Amandio Tavares** — Sur les éminences basilaires de l'occipital (*Comptes Rendus de l'Association des Anatomistes Liège* 1926).
- 37) 1926 **Bethencourt Ferreira** — Notas craniológicas sôbre alguns crânios indianos (*Arquivo de Anatomia e Antropologia* X-1926).
- 38) 1926-27 **Amandio Tavares** — Canaux condyliens antérieur et intermédiaire (*Archives d'Anatomie, d'Histologie et d'Embryologie*, VI).
- 39) 1927 **Amandio Tavares** — Canaux condyliens antérieur et intermédiaire (*Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie* 25-1-27).
- 40) 1927 **Amandio Tavares** — Sur les éminences basilaires de l'occipital (*Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles* X, 10 Janvier 1927).
- 41) 1927 **Amandio Tavares** — Sur le métopisme (*Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie* Séance du 3 Janvier 1927).
- 42) 1927 **Amandio Tavares** — Sôbre metopismo (*Arq. de Anatomia e Antropologia* XI-1927).
- 43) 1928 **J. A. Pires de Lima** — Agénésie des os nasaux (*Bulletins & Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris* 27-1-28).
- 44) 1928 **J. A. Pires de Lima** — Ankylose de l'articulation temporo-maxillaire (*Société Anatomique de Paris* 1-II-28).
- 45) 1928 **Gustavo de Bivar Pinto Lopes** — Respostas ao Questionário Etnográfico apresentado pela Secretaria dos Negócios Indígenas de Lourenço Marques âcerca da população indígena da Província de Moçambique — Parte referente ao território da Companhia de Moçambique, Beira 1928.
- 46) 1928 **Germano Correia** — Les luso-descendants de l'Inde Portugaise (Étude anthropologique) (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa* Série A. Fasc. 2 — 1928).
- 47) 1928 **Francisco Correia** — Les premières anomalies anatomiques enregistrées sur les cadavres des Indo-Portugais (*Arq. de Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A fasc. 3, 1928).
- 48) 1928 **Amandio Tavares** — Le canal condylien postérieur chez l'Homme (*Comptes Rendus des séances de la Société de Biologie* 27-XII-28).
- 49) 1929 **A. Rodrigues, L. de Pina & Sousa Pereira** — Dissection d'un Nègre de Mozambique (*Folia Morphologica* V. 1, N.os 2-3 Warszawa 1929).

- 50) 1929 **Francisco Correia** — Les malformations congénitales enregistrées chez les Indo-Portugais (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa* Série A. fasc. 5.º 1929).
- 51) 1929 **Germano Correia** — Les Ranes de Satary — Etude anthropométrique (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa* Série A. fasc. 5.º 1929).
- 52) 1929-1930 **J. A. Pires de Lima & Constâncio Mascarenhas** — Populações indígenas da Guiné Portuguesa (*Arquivo de Anatomia e Antropologia* XIII 1929-30).
- 53) 1930 **Alvaro Rodrigues, Luís de Pina & Sousa Pereira** Dissecção de um negro de Moçambique (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* IV-3-1930).
- 54) 1930 **Barros e Cunha & Viana de Lemos** — Contribution à la craniologie d'Angola (*XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique* Portugal 21-30 Septembre 1930).
- 55) 1930 **Mendes Correia & Alfredo Ataíde** — Contribution à l'anthropologie de la Guinée Portugaise (*XVe Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique* Portugal 21-30 Septembre 1930).
- 56) 1930 **J. A. Pires de Lima & Constâncio Mascarenhas** — Contrib. para o estudo antropológico da Guiné Portuguesa (*XVe Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique* Portugal 21-30 Septembre 1930).
- 57) 1930 **Henrique de Vilhena** — Observações anatómicas VII (*Arquivo de Anatomia e Antropologia* XIII-1930).
- 58) 1930 **J. A. Pires de Lima** — Vícios de conformação do sistema urogenital, Pôrto 1930.
- 59) 1930 **Amandio Tavares** — Sur les formations interpariétales du crâne humain (*Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis* V. 10).
- 60) 1931 **Fernando C. Pires de Lima** — O índice do buraco occipital nos Portugueses (*Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* V. 1931).
- 61) 1931 **Germano Correia** — Os luso-descendentes de Angola — Contribuição para o seu estudo antropológico (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A fasc. 6, 1931).
- 62) 1931 **Germano Correia** — Os Cuanhamas (Contribuição para o seu estudo antropométrico e etnográfico (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A, Série A fasc. 6, 1931).
- 63) 1931 **Constâncio Mascarenhas** — Contribuição para o estudo antropológico de Goa (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A n.º 7, 1931).
- 64) 1931 **Francisco Correia** — Recueil de quelques faits anatomiques et tératologiques concernant les habitants de l'Inde Portugaise (*Arq. de Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa*, Série A fasc. 7, 1931).
- 65) 1931 **Costa Pegado** — Anthropological Researches of not Bony Parts on the living, of 175 natives of Portuguese India (*Arq. da Escola*



Médico-Cirúrgica de Nova Goa, Série A n.º 7, 1931).

- 66) 1931 **Germano Correia** — Les enfants et les adolescents luso-descendants de l'Inde Portugaise-Croissance, anthropométrie et morphologie médicale (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, Série A fasc. 7, 1931*).
- 67) 1931 **J. A. Pires de Lima** — Novas observações de anomalias dos membros (*Arquivo de Anatomia e Antropologia, XIV, 1931*).
- 68) 1931 **Francisco Correia** — Les malformations congénitales enregistrées chez les Indo-Portugais. Trois cas d'ectrodactylie (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, Série A fasc. 6, 1931*).
- 69) 1931 **Francisco Correia** — Les malformations congénitales enregistrées chez les Indo-Portugais (*Arq. da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, Série A fasc. 6, 1931*).
- 70) 1931 **J. A. Pires de Lima & Luis de Pina** — A distância bi-caruncular e a sua importância antropológica e teratológica (*Arq. da Repartição de Antropologia Criminal, Psicol. experim. e Identificação do Pôrto, I, 1931*).
- 71) 1931 **Luis de Pina** — A propos d'un nouveau cas de Musculus sternalis chez un monstre exencéphalien (*Société Anatomique de Paris, 5-II-31*).
- 72) 1931 **Luis de Pina** — Les angles de la base du crâne chez les indigènes des colonies portugaises africaines (*XVe Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique (Suite), Paris 20-27 Septembre 1931*).
- 73) 1931 **Luis de Pina** — Materiais para a antropologia de Moçambique (*Arquivo de Anatomia e Antropologia, XIV, 1931*).
- 74) 1932 **J. A. Pires de Lima, Constâncio Mascarenhas & J. Santana Barreto** — Contribuição para o estudo antropológico da Guiné Portuguesa (*Miscelânea científica e literária dedicada ao Dr. J. Leite de Vasconcelos, Coimbra, 1932*).
- 75) 1933 **Barros e Cunha** — Crânio de um soba Quioco da região de Sanzimo, Lunda (*Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra III, 2 1933*).
- 76) 1933 **J. A. Pires de Lima** — Fracture de l'avant-bras chez un «Gorilla Gina» (*Folia Anatomica Universitatis Comimbrigensis, VIII, 19*).
- 77) 1934 **Bragança Pereira** — Etnografia da Índia Portuguesa (*Boletim Geral das Colónias n.º 107 Maio de 1934*).
- 78) 1934 **Teixeira Marinho** — A Província da Guiné — Raças que a povoam (*A Terra Número Colonial — 14*).
- 79) 1934 **Pereira Cabral** — Primeira Exposição Colonial Portuguesa — Indígenas da Colónia de Moçambique.
- 80) 1934 **Santos Figueiredo** — Primeira Exposição Colonial Portuguesa — Colónia de Moçambique — A Vida Social.

SUMÁRIO

	Pág.
I — Generalidades	3
II — Índia	5
III — Timor	9
IV — S. Tomé	12
V — Angola	12
VI — Moçambique	17
VII — Cabo Verde	20
VIII — Guiné	21
IX — Macau	22
X — Trabalhos comuns a várias colónias	23
XI — Conclusões	25
— Bibliografia	27

